

O ESPOZENDENSE

Este numero foi visado pela
comissão de censura.

Semanao republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Director, adm e propriet.—José da Silva Vieira.—Redactor no Brazil: A. Ciras.—Editora — Ana da Silva Vieira Composição e impressão.—Typ. Espozendense—Espozende

Assinatura: Anno, sem estampilha \$5000 rs. — Com estampilha e para fóra 10\$000 rs. — Brasil, (Moeda forte), 30\$000 rs. — Colonias Portuguezas, 25\$000 rs. — Numero avulso 200 rs. — Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Espozende.

Anuncios: Judiciaes: linha ou esp. de linha \$15 cent.—Anuncios particulares: linha \$70 Comun. ou reclames, linha \$50 c. Imposto do selo, cada publicação. 15 c. — Reclames a obras literarias mediante um exemplar. Não se restituem originaes não publicados.

* * DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGA * *

Contra o analfabetismo

—«0' escolas semeai, ó escolas semeai»
Da «Sementeira.»

Senhoras, meus senhores:

Iniciou há tempos o *Diario de Noticias*, na louvavel intenção de ver melhorada a desgraçada situação em que se encontra o ensino primário em Portugal, mais uma campanha—passe o termo guerreiro—contra o analfabetismo, que a rotula—«Uma ideia em marcha.»—

Não nos disse ainda o colosso da informação diária, para onde marchava a ideia. Ora, como o velho Bento José de Oliveira, de saudosa memória, nos ensinou, há uns bons 50 anos, que quem marcha para alguma parte ou para determinado fim, esperemos que a grande gazeta do «Bairro Alto» nos explique a que remotas paragens dirige os seus passos tão incertos e de resultados tão problemáticos, para levar a termo a missão evangelisadora que se impoz, e que foi, e continúa a ser, se lhe não acudirem com remédios enérgicos, mais um sonho das—«Mil e uma noites».

Como quer que a explicação nos seja dada ou não, a verdade é que, sem por forma alguma nos considerarmos um pessimista, falece-nos, todavia, a esperança de vermos endireitar régo o problema pôsto mais uma vez em equação.

Velho mestre de meninos, acostumado desde largas eras a escutar a mesma *música celestial* que nos enleva e dilicia, vêmo-nos, uma vês mais, na necessidade de classificar esta nova arremetida de—«*Sons que passam!*...»

E porque assim é, resolvi, minhas senhoras e meus senhores, roubar-lhes um pouco de tempo, privando-os da audição do estafado fadinho da «Severa», que é como quem diz do sr. Júlio Dantas e da Dina Tereza, ou das cantigas do Tinpanas na batida das piléas, do Rocio ao Lumiar, para lhes fazer uma simples palestra, segundo o meu modo de vêr, á-cêrca do magno problema do analfabetismo, cuja solução, desde as reformas de Pombal, tem sido debatida tão largamente, que nela se têm gasto milhares de resmas de papel, almudes de tinta e muitas grósas de conferencias e discursêtas.

Não sou—fique isto bem assente—um pessimista no sentido lato do termo. Não, não sou. Acredito nas grandes qualidades do nosso povo; sei-o esforçado e sofredor nos lances mais arriscados. Trabalhador por excelência—a questão é haver trabalho—o seu pão de cada dia é mourejado de sol a sol, numa labuta incessante.

E nos momentos criticos da vida da Nação, com uma coragem indômita, a linha sempre na vanguarda na defeza deste terrão abençoado que o sol beija e o mar embala, rincão formoso que os romanos julgavam o mais lindo e os cruzados sonhavam entre os mais belos!

Que pena não saber lêr e escrever! Bem digno eras de melhor sorte, bom povo de Portugal!!!..

Mas... afastêmos a poesia, entrêmos na rialidade. Vamos ao caso.

Vai ter lugar a pitáda grávida de sapientísimos espirros, como diria o grande Camilo.

Professores dos mais abalisados dos diferentes graus do ensino, vieram á liça a dizer o que pensavam acêrca do magno problema. Com ligeiras variantes, quasi todos finalizavam as suas considerações, muitas de conta, pezo e medida, com o grito do prof. Carlos Gomes—«**Abaixo o analfabetismo!**»—como se só com este grito se pudessem curar as chagas dos 4.277.341 desgraçados portuguezes que vagueiam errantes nas trevas da ignorancia!...

Não pode ser, diziam uns; é uma vergonha, acrescentavam outros.

4.277.341 analfabetos, numa população de 6.032.991 habitantes, excede as raais da desvergonha, é miseravel, degradante, causa arrepios! Uma sociedade que se diz culta, civilizada, scientificamente organizada á moderna, com uma tal percentagem de analfabetos, vive, positivamente, da ficção. Não vive, vegeta. Nenhum direito pode alegar para tomar assento no grande banquete da civilização mundial, a menos que desse banquete só façam parte os plenipotenciários da Hotentôtia ou da Cafraria!

Abaixo o analfabetismo!..

Isto têm dito, em resumo, os grandes luminares da nossa terra.

Perfeitamente de acôrdo, digo eu, por minha vez. O quadro é tétrico, pavoroso por vezes, mas é verdadeiro.

Como conseguir atenuar tão miseravel estado de coisas uma vez que, em meu parecer, não será possível extinguir por completo o mal que de longe vem, como seria para desejar?

N'ó o disseram ainda os entendidos. Diagnosticaram uns, como especialistas que parecem ser no assunto; divagaram outros sobre casos de *lana-caprina* quando aquecem nem arrefecem. E por último, os sabios de gabinete, largamente viajados, explanam altas filosofias demonstrativas, é certo, de um grande saber, mas de resultados práticos de nula efficácia.

E, por enquanto, estamos nisto, quere dizer, o quartel general continúa em Abrantes.

Muitos diagnosticaram, nenhum receitou.

Eu sei, minhas senhoras e meus senhores, e muitos o sabem, porque razão se não receitou de forma a dar ao doente, já não digo uma cura radical, mas ao menos algum alivio aos seus padecimentos.

As finanças não navegam em maré de rozas; uma onda de miséria avassalou o mundo inteiro, e o pharmaceutico-môr destes reinos e conquistas, por falta daquela coisa com que se compram os melões, recusa-se a *analisar a receita*.

Dinheiro, muito dinheiro, contos, milhares de contos. *That is the question.*

Tudo o mais é... gargantear, como diz o saloio.

Extremis morbis, extrema remédia, optimi sunt, assim diria aquele *nosso amigo* Hipócrates, que na cura dos grandes males applicava sempre os grandes remédios. Mas eu penso que não quererá navegar nessas águas o pontífice maximo do Erário Pú-

blico. E' o navegas...

Extinção do analfabetismo!—o «*álea joia est!*» do grande Cezar na passagem do Rubicon do sonho das «Mil e uma Noites», imagem do deserto, harpêjo plangente do «Cantico dos Canticos»!...

Quem, que adestrado pilôto se abalançará a levar a pôrto seguro este fragil *batel* a meter água por todos os lados?

Extinção do analfabetismo! com o pobre mestre de instrução primaria, o pária de todos os tempos, recebendo pelo seu labôr exaustivo uma miseravel codêa com que terá de prover ás necessidades do seu lar, onde talvez sobra a fome e falta o pão!

Com 5 horas de trabalho diário, o primeiro funcionário da nação, ao sentar-se na sua cadeira—quando a há—mal sabe se deva atender, como lhe cumpre, aos seus alunos, se pensar na sua miséria e na dos seus que vivem numa pobreza verdadeiramente franciscana! E os filhos, se os tiver? Como educal-os?

E venham cá dizer-me que em 1870 foi o mestre-escola prussiano, que não o exército, quem, no Sédan, inflingiu aquela tremenda derrota aos francezes. Garganta, sempre garganta. Aquele marçal Moltk, autor do dito, era um asno chapado.

Extinção do analfabetismo!—quando nessas poucas escolas que há, em muitas delas falta tudo, desde o ar que carecê nos respirar, até ao tóscio banco de pinho onde a creança precisa sentar-se. Edifícios a cair de pôdres, pocilgas infectas onde a saúde do mestre e dos alunos estão em perigo constante. Antros horripilantes onde a creança se estiolas, perde a saúde, e adquire defeitos orgânicos que a acompanham sempre pela vida fóra!

Escolas sem cantinas onde os pobres filhos do povo'possam tomar uma ligeira refeição que a miséria dos pais não deixa fornecer-lhes; sem um simples balneário que evite a propagação de várias doenças contraídas ao simples contacto com os menos limpos e aceitados; sem um recinto coberto ou descoberto onde as creanças passem as horas do recreio, mantendo-as *engarrafadas* dentro das classes ou em corredores escuros, anti higiênicos!

Escolas com alunos quasi nus, descalços, a tiritar com frio, estomago vazio, um quadro de miséria horripilante em toda a sua revoltante exhibição.

Extinção do analfabetismo! como se do dizê-lo ao fazê-lo, não se antepuzesse uma muralha intransponível, mormente nesta época calamitosa que atravessa o mundo inteiro!

Não, minhas senhoras e meus senhores, não pensêmos sequer nisso. Mas... perguntarão V. Ex.as, po-le um tal estado de coisas continuar? Não, não pode, nem deve.

Em meu entender, o que no momento convém e é de necessidade urgente que se faça, é acudir de pronto ao que está. O resto, que hem mais é, virá mais tarde, quando puder ser. Sim, quando poder ser.

Creação de mais escolas para quê? Cuide-se, antes de mais, de organizar decentemente as existentes.

Inquirase com rigôr e não a fingir das suas necessidades que muitas são; dêtem-se de mobiliário e material didático indispensaveis ao ensino. Promovase que em todas, ou na maior parte,

haja uma cantina; vistam-se as crianças nûas ou quasi nûas porque, sôbre ser uma obra meritória, evita-se um triste espetáculo que nos avilta perante aqueles poucos estrangeiros que donde em onde nos visitam.

Haja em toda as escolas balneários ou sequer lavatórios, obrigando as creanças a serem limpas e aceiadas, evitando-se a propagação de muitas doenças que a falta de limpeza ocasiona.

Seja obrigatória e gratuita de facto, que não a fingir, a instrução primaria em Portugal.

Nem mais uma escola de novo creada, enquanto se não repararem convenientemente as existentes. A excelencia do ensino, o seu maior ou menor grau de desenvolvimento, não pode nunca avaliar-se pelo numero de escolas, mas sim pela qualidade e organização pedagógica das mesmas. E' dos livros.

Acêite-se, todavia, o oferecimento generoso de tantos amigos da instrução que dão ao Estado edificios escolares, convenientemente providos de mobiliários e material didático.

Mas tão só.

O resto, só pertence ao Estado fazer. Depressa? Devagar?—depende de muitas circunstancias. Auxilios particulares são, em verdade, de um altissimo valor; mas temos que atender a que a crise pavorosa que abala o mundo inteiro, não pode dar largas a grandes filantropias, e por cá não abundam opulentos Abrahams, ou ricas madames Retznis. Os Carnegis e os Cécil Rhodes da alta finança, nunca demandaram estas paragens do Ocidente. Por cá, não há disso.

Quem, depois de 1866, repetiu em Portugal o gesto nobilissimo do Conde de Ferreira, legando ao Estado 144 contos para a fundação de 120 escolas, em beneficio da instrução popular, quem?

Cantinas escolares auxiliadas pelos meninos ricos que frequentam as escolas, em beneficio dos seus colegas pobres, como alvitra o sr. prof. Carrusca de um liceu cá da capital, é uma infantildade sem ponta por onde se lhe pegue.

Os meninos ricos não frequentam as escolas officaes; vão para os colégios de pago. Os meninos ricos!... Que graça...

As cantinas têm, necessariamente, de ser mantidas pelas entidades officaes, nunca por particulares que se dão boje, não darão amanhã. Não ha fugir disto. Não, não há

Minhas senhoras e meus senhores:

E' tempo de terminar. Entusiasmado, antevendo a realização do meu ideal de sempre, quasi me ia esquecendo de que estive a prégar aos peixes. Sim, minhas senhoras e meus senhores, eu já não tenho ilusões. Sumiram-se com o tempo que tudo sóme. Sonhei muitas vezes, é certo. Quem há ai que não haja sonhado *colinas*? Acordei sempre com a realidade.

O problema do analfabetismo ha-de ter, num futuro mais ou menos largo, uma solução? Talvez.

Para já, é impossivel. E' impossivel porque para que o problema da extinção do analfabetismo em Portugal seja um facto, preciso era que o orçamento da instrução fôsse dotado com muitos milhares de contos! Muitos, muitos!

Não está, na presente conjuntura, o Erário Nacional habilitado a fornecê-los. A fome e a miséria alastram-se por toda a parte. Logo, tudo quanto se diga, quanto se escreva, quanto se alvitre, não passará de uma aspiração, aliás louva-

vel, mas de eficacia nula.

E o *durante* continuará á espera de melhores dias, muito bem assistido de altas filosofias, alvitres vários, boas vontades e melhores intenções, mas em côma permanente. Não há dinheiral...

E', salvo melhor critério, o meu modo de vêr.

Um povo vale o que valer a sua instrução? Dizem os entendidos que sim. Pois se eles o dizem e assim é, nós, os *camaradinhos* cá do extremo Ocidente, irêmos valendo... o que valêmos. Ou a logica é aquele bugalho de Mr. de La Pallisse.

Por aqui me quêdo, agradecendo a V. Ex.as a santa páchorra com que tiveram a amabilidade de me ouvir.

A ideia vai em marcha? Deus a conduza a porto seguro. São os meus desejos.

Muito agradecido; de todos me despeço até... a extinção do analfabetismo em Portugal, que virá numa manhã de nevoeiro) com aquele desvairado que *foi dar o corpo aomaniesto* nos areas de Alcácer-Quibir.

E então, mas só então, as creanças poderão cantar:

«O' escolas semeai, é escolas semeai
O amor, a vida, a luz, a limpida verdade,
O' escolas semeai.»

M. V.

ESCRITOS ANTIGOS

POVOAÇÕES DA EUROPA E FUNDAÇÃO DA NONARQUIA DE HESPANHA

(Continuação).

Pelos anos de 1010 antes do nascimento de Cristo, ouve aquela célebre séca referida pelas historias, com a qual esteve a Hespanha quasi despovoada, e pouco depois ouve tal incendio nos Pirinéos, que chegou a correr de suas minas copiosos rios de prata. Com a noticia d'esta riqueza, e de estar a região despovoada, vieram muitas nações estrangeiras, como foram: Celtas Bracatos, Celtas Bereos, ou Cetiberos Gregos, Siros, Caldeos e Judeus (que Nabuco donosor Rei de Babilonia, quando conquistou Judea, desterrou, para as ultimas partes occidentaes) Fenicios e Cartagineses, e finalmente Romanos que dominarão a referida região até ao ano de 411 do nascimento de Cristo, em que entraram em Hespanha os Vandalos, Suevos, e Alanos (povos de Halemânia) passando os Pirinéos, a dominaram, ao mesmo tempo, que os Gódos baixando da Suecia conquistavam Italia com seus Reis Alarico, e Ataulfo—que por sua morte empunhara o Cetro. Foi Ataulfo o primeiro Rei Gódo, que dominou Hespanha, onde entrou com o direito de doação feita pelo Imperador Romano Honório, e com a das armas, e vitórias, que ele e os sucessores Reis Gódos alcançaram dos Vandalos, Alanos, e Suevos. Em Hespanha reinaram, sucessivamente, os seguintes Reis: Segerico, Valia, Theodorico, Thurismundo, Theodorico II, Eurico Alarico II, Gesarico, Theodorico III, Amalarico Theudio, Theodiselo, Agila, Athanagildo, Luiva, Leovigildo; Recaredo, Luiva II, Viterico, Gundemaro, Sisebuto, Recaredo II, Suintilho, Sionando, Chintila, Turga, Sindasuindo, Flavio, Recesuindo, Vamba, Flavio Eringa, Flavio Egiga, Vilizá... e Rodrigo ultimo Rei Gódo, em cujo tempo invadiram os Mouros o Imperio Gotico, e passando o estreito de Gibraltar, venceram a celebre batalha dos de

Xerez de lá Frontera, que perdeu Rodrigo depois de oito dias de luta continua e com ela a Corôa, ficando Hespanha sujeita ao tiranico dominio dos Mouros quase oitocentos anos.

(Continúa)

José J. Fernandes Grilo.

SCENAS DA VIDA REAL

O TRIUNFO DO MAL

(Os doidos também teem a sua literatura?)

III

Isto que vai ler-se não é fantasia de escritor, é a transcrição de uma «avalanche» de loucuras, escritas por um louco que ha algumas desenas de anos faleceu num hospital de Riga.

No decorrer desta historia perpassa toda a incoerencia que um cérebro pode conceber!

Tenho tratado com muitos loucos, tenho lido literatura de manicómio e realzado pinturas e esculturas de artistas desequilibrados:—esta especie de memôria de Gabriel Caradez, espantosa pela sua tremenda concepção, e o melhor que tenho visto... Não concordo, porém, com nada do que ele escreve; dou apenas ao leitor um momento de loucura, para que aqueles que nunca entraram num manicómio a entrevistar doidos, possam compreender as coisas mais incompreensíveis...

Março—1932.

Vinha dos Santos.

Cap. I

Vou contar tudo o que sinto de mau e diabolico na minha alma... Não é porque hoje me encontre numa situação difficil e embaraçosa, não é porque me encontre desesperado, abandonado, espinhado pela sociedade prostituida deste século, não! Sou livre como livre nasci. Nunca estive tam bem!

Tenho um emprêgo rendoso que não me dá trabalho algum, pela simples razão de que nunca me apresentei ao serviço. Sou até muito rico, mesmo muito rico!

Esta liberdade, esta independencia e esta riqueza de Creso desdenhoso pela miséria alheia, ainda hoje as não teria, se tivesse trilhado o caminho do Bem.

Tornei-me mau no ventre que me gerou; porisso minha mãe morreu de parto; foi esta a minha primeira maldade:—matar minha mãe!

Sofri, lutei! Baldado esforço! A sociedade astixava-me no fétido lódo dos seus vicios feitos de moral e hipocrisia.

Recalcava-me a alma, matando dentro dela o sentimento generoso e bom. Eis porque sou mau, eis porque venci!

O triunfo do mal!... Quem não crê no triunfo do mal?

Anatole France disse que «o mal é necessario; eu acrescento:—é imprescindivel»...

Tornando-me mau, tornei-me tímido, cavalguei ironico como um Fauno mitologico a albarda grosseira dos preconceitos. Foi assim que consegui emancipar-me do Causo obscuro da moral, e librar-me numa ascensão vitoriosa, sobre o lodaçal.

Estas palavras são gritos de alma que soam como golpes de clava sobre a dureza granitica do meu

coração mau.

Ouvi-as com desdém. Cuspi-me em rosto a enormidade da minha crueldade.

* * *
Não me elogieis, corja de adulaadores! Não preciso de elogios. E não preciso, porque sei que são falsos como Judas Escariote, ócos como os idolos da Nubia. Não passam de ridiculas flexas de ódio disparadas da escuridão traiçoeira da vossa hipocrisia... Mas, que quereis? Clogiar-me para que eu vos elogie? Bah! Sois uma câfila de falsificadores, sois um bando de abutres! Elogios?... Mas quem falou em elogios? Eu estava doido, com certeza quando supuz tal baixeza!

Injuriai-me, chamai-me quantos vocábulos tórpes tendes nos vocabulários da maledicencia. Muito bem! Isso não me enraivece; antes me rejubila, faz-me rir, rir como um tresloucado, soltar gargalhadas de ironia e de civismo num ciclone galopante de nervos desmantelados. Depois, cuspirvos-ei no rosto a vergonha da vossa infamia!

* * *
Ouvi: eu era uma criança ainda de peito, quando fiquei só no mundo.

Suguei sófregamente as espremidas tetas da Miséria e o tempo rolou sobre mim como um cilindro de ferro sobre o asfalto duma estrada.

Emquanto andei de mão em mão, joguete da sorte e escravo de todos; enquanto me vergastavam até me deixarem o corpo listrado de golpes sangrentos por tirar um pão aos filhos dos Rotchides e dos Pantagruéis do milhão; enquanto me repeliram como um cão tinhoso e me obrigavam a chafurdar em todos os montúros da sociedade para topar a miséria de um osso que me desse o direito de participar no festim da vida, a minha alma ia-se desenvolvendo no campo do mal.

A sociedade,—essa Messalina canalha que esconde com a flutuante roupagem da mentira a crapulosa nudez do seu corpo devassado—fez de mim um ladrão, um assassino, um incendiario, um sádico violador de virgens que tremiam de gozo nos meus braços tatuados pelo ferrete da malvadez.

Eu proprio gravei a fogo na face o «cave furem» dos escravos.

E, apóstolo do mal, semeiei o mal por onde passei. Arrastei comigo as almas brancas das crianças que sugavam avidamente os seios sécos das mendigas. Instrui-as na minha religião maldita de odio e de vingança! E que vingança!

Impedidos de agir á luz do sol, á luz resplandecente da verdade, miuando como toupeiras a galeria labirintica da intriga, sob os alicerces de barro da sociedade. E o seu edificio de ouropel ruirá com o fragor de um Etna em erupção!

Então soará a hora da libertação e a semente nova, a semente do mal germinará, crescerá e frutificará entre as ruínas ainda fumegantes!... Depois rierei com vontade, ruidosamente, como um Moloch carniceiro, satisfeito da minha obra! E quando os homens se assassinarem, ébrios de vicios, cobertos de lepra, numa bacanal de odio e numa tempestade de invejas e de raivas; quando apenas en, o peor entre os peores, restar sobre o globo, então zombarei dos deuses que assistiram impávidos á derrocada da sua obra!

Porque não serei mais forte, mais

omnipotente do que os denses imparciais. Imparciais?... Onde existe um Deus imparcial? Sublime mentira! Ingénna concépção! Com que então um Deus imparcial?... Mas onde é que estão os Denses imparciais que nivelam os homens numa só classe— a Humanidade, e as nações numa só nação,—o Globo? Sublime mentira!

* * *
Os Denses assistem impassiveis á evolução dos mundos.

Não são mais do que iluminadas criações dos homens; porisso teem o o seu quê de humano, de canalha!

Acreditar num Deus é negar a Liberdade, ansiar a liberdade é experimentar a vida.

Um bom cré nas divindades que o desprotejem, fanática, covardemente. Portanto eu quero ser mau. Não imaginaiis quão voluptuoso é o prazer da maldade!...

* * *
Uma vez pedi esmola a um pobre: repartiu comigo a ultima codea de pão do seu alforge. E sabeis qual foi a recompensa da sua boa acção?... A morte! Parece incrível, mas matei-o! Matei-o, porque me humilhou, matei-o porque me envergonhou!

E' porisso que eu não pratico o Bem.

¿Para quê? ¿Para que um patife como eu me corte o fio da existencia em paga de um serviço prestado?

Matei-o e não senti a garra dilacerante do Remorso. O mau não sente o re arorso... Faz o mal por prazer, e a lembrança duma acção hedionda desperta em sua alma anoi-tecida, não o remorso, mas a satisfação.

Não quero dizer que não haja excepções, que as há... O que disse há pouco é relativo aos inaus de origem, aos hereditários; mas o mau que já foi bom, esse sente vivissimos remorsos do bem que praticou...

* * *
¿Então eu já fiz bem? Oh! se fiz! ¿E que recompensa tive?... O desprezo dos próprios beneficiados que me projetou no caminho do Mal.

Como me sinto feliz em ser desgraçado!... Faço o peor que posso: revoluciono, incendeio, roubo, mato, violo e (bem dita a hora em que me tornei mau!) dão-me horas e proveitos!

Cheguei a ser condecorado e fizeram-me sócio das casas de Beneficencia.

O meu nome, aureolado de sangue e lágrimas, fôgo e lama, está gravado nas lápides honrosas dos Hospícios e das casas de Caridade... E eu mesmo, no momento em que vos falo, encontro-me numa casa de Alienados, apertado numa camisa de forças...

* * *
Disse que tive honras e proveitos... ¿E porquê? Por ser hipocritamente bom?... Não! Por ser mau, por ser sinceramente mau, glorificaram-me por cobardia, por estupidez, por mélo.

Encerram-me neste mundo de quimérica alucinação ainda por médo, por estupidez, por covardia!...

Porisso, posso lançar o grito de vitória, clamar bem alto, para que todos vós me ouçais, récuca de assnos, súcia de cães hidrofobos, num desabafo de alma repleto de desdenhosa maldade e inconcebivel loucura:—Gouardes!

(Continúa)

Vinha dos Santos.

Faça-se justiça

E' preciso que o nosso animo se não quebrante em face deste problema tam importante, qual e o da abertura de uma nova barra.

A que hora se vê, ou melhor, a que hora *se não vê*, não está em condições de bem servir o porto de pesca de Espozende.

O açoreamento, dia a dia, mais intenso, acabará por fechar completamente a saída das águas para o Atlântico, lentamente, no decorrer do tempo. E a par e passo que a sua obstrução se fôr completando, por assim dizer automaticamente, a duna fronteira aos recifes dos Cavalos de Fão, tenderá, como tende, positivamente a estrangular-se, mercê da acção erosiva das águas do Cávado, cujo curso é obrigado a refluir todo naquele ponto da margem.

Isto que á primeira vista nos parece impossivel, é um facto palpavel. E' assim sendo, que fazer? Tudo parece indicar, (até a propria Providencia) a abertura de uma barra, prática, pouco dispendiosa e **infalível!**

Depois, a bacia natural desses recifes que tam excelentemente se prestam para um porto de refúgio, tal qual estão dispostos pela sábia mão da Natureza, será um contraforte obstando a acumulação das areias e protegendo as embarcações das intempéries.

Voltem-se, pois, os olhos de todos para este lado!

Unam-se todos para a defeza da nova barra, porque a terem de fazer gastos em reparações gastarão o mesmo ou menos com a nova barra em questão.

Assim exige o bem-estar social do concelho, onde tantos lares lutam titânicamente com o negro fantasma da fome!

Faça-se justiça!

Gelso Frontão.

Pedindo uma pensão

A viuva do soldado n.º 63011913, José Pereira da Silva, de infantaria 18, residente na freguezia de Gemezes, deste concelho, requereu ao sr. Ministro da Guerra uma pensão de sangue.

PELO CONCELHO

MARINHAS, 2.

A ganhar alguns dias de trabalho, foi para casa do nosso amigo e seu parente—Senhor P.º Francisco Gonçalves Marques, Abade em S. Martinho do Valle, Famacião o carpinteiro de rara habilidade Francisco Gonçalves Patrão, desta freguezia.

—*Tot caput, quod sententia*, dizem lá os latuistas. E é por isso que ninguem se deve admirar do modo diverso de pensar, sem ludibriar ninguem. Nem todos uzam as mesmas *diaptias*, e conheço criaturas que embora tenham necessidade de as usar não querem e preferem sofrer toda a vida, a ter o gosto da visão larga. E se o remedio está nas mãos de cada um, nós que havemos de fazer? Parémos muito dando o nosso concelho, ainda que caso dêle não façam. C.

Anuncios judiciais

«Os anuncios judiciais continuam a ter inserção GRATUITA.»

De «O Cávado», desta vila, de 15 de Maio de 1932.

Contra o analfabetismo

Por nos parecer interessante e ter uma certa oportunidade, publicamos hoje o extrato de uma Conferencia que um nosso velho amigo fez há dias no microfone do «Porto Radiofónico»—da Capital.

Conferencia por vezes caustica chistosa em várias passagens, revela, não obstante, por parte do conferente, largos conhecimentos dos assuntos da instrução primária, bem precisados de que para eles olhem, com olhos de ver. O panegérico das escolas primárias espalhadas por este paiz fóra, é deveras desolador.

Para a sua leitura, chamamos a atenção dos nossos leitores.

Pedido de transferencia

A Comissão Administrativa da Camara Municipal do nosso concelho pediu, ao snr Ministro do Comercio para anular a verba de 7.093\$90 destinada ao empedramento da Avenida Marginal e a sua transferencia para auxilio da construção da estrada de ligação entre a n.º 1, 1.ª classe, á estrada municipal de Espozende á Foz do Cávado.

ANNUNCIOS

RUA DE BELEM, 18 e 22—**ESTREBDA**

Para tratamento de todas as tosses, as mais rebeldes, bronquites crônicas e agudas, etc, á venda em todas as Farmacias e Drogarias

XAROPE PEITORAL JAMES

FABRICA DA GRANJA BARCEOLS

Reparação de todas as marcas de automoveis, carroseries para camionetes, accessorios Ford e outros
Mobiliás, madeiras para Construção.

Assinaí O ESPOZENDENSE

NA TROFA Grande torneio de tiro aos pombos

No dia 5 de Junho proximo realisa a Secção de Caçadores do Club Desportivo Trofense, no Campo do Catulo, um importante torneio de tiro aos pombos, que terá inicio ás 14 horas, e com almoço servido no campo, cujo programa é como segue:

«Poule» em 7 pombos.

Tiro a 27 metros—Desempates até 30 metros.

Pombos pagos a Esc 5\$00 cada.

Os pombos mortos são peitença do Club.

Dois tiros maus excluem provisoramente o atirador.

Do produto da arrematação de espingardas cabem ao Club 30 %.

Inscrição simples—Esc. 50\$00

Inscrição com almoço—E. 70\$00

PREMIOS

| | | | |
|-----|---|---------------------------------|-----------|
| 1.º | — | Esc. | 1.000\$00 |
| 2.º | — | » | 500\$00 |
| 3.º | — | » | 300\$00 |
| 4.º | — | » | 200\$00 |
| 5.º | — | Medalha de ouro. | |
| 6.º | — | Uma caixa de cerveja «Cristal». | |

Importante: A inscrição para o almoço fecha no dia 30 de Maio, devendo as listas serem enviadas imediatamente e dirigidas a H. MYN-DER—TROFA.

E' permitida a inscrição sómente para almoço, podendo esta fazer-se nas competentes listas que vão ser remetidas aos Clubs, ou em carta endereçada ao referido Snr. MYN-DER.

Esta inscrição custa 20\$00.

Tacão Ingastavel

Brockman Centi

Este tacão é economico e duradouro.

Aplicado com a Sola Ingastavel Brockman dá ao calçado uma maior durabilidade.

Evita o perigo de escorregar, porque sendo impermeavel não o de borracha, tendo umas capas BROCKMAN substituveis, o que torna absolutamente economico.

Dirigir pedidos aos unicos concessionarios para Portugal, Ilhas adjacentes e Coloniaes.

SLAV

39—Cancela Velha—Porto

FOGÃO

Vende-se um em bom estado, por preço modico.

Nesta redação se dão informes.

A 4 ESCUDOS

Uma excelente caixa de papel com 50 folhas e 50 envelopes.

Vende-se nesta redação.

Farmacia Costa



(Antiga Farmacia Central)

RUA 1.º DE DEZEMBRO — ESPOZENDE

Directora tecnica—D. Rosa da Fonseca Aleixo

(Licenciada em Farmacia)

Depois duma grande transformação reabriu ao publico esta antiga e acreditada farmacia onde se encontra grande sortido de produtos quimicos e farmaceuticos

Aviamento de receitauario medico, com todo o escrupulo, a qualquer hora do dia ou da noite.

Curativos e injeccões.—Preços modicos.

Preferir esta farmacia é ter a certeza de ser bem servido em preços e qualidades

TALHO «FLOR DA AVENIDA»

Rua 1.º de Dezembro (em frente á Avenida Valentim Ribeiro)

ESPOZENDE

Fornece carnes verdes de boi, vaca, vitela, cabrito e carneiro, diariamente.

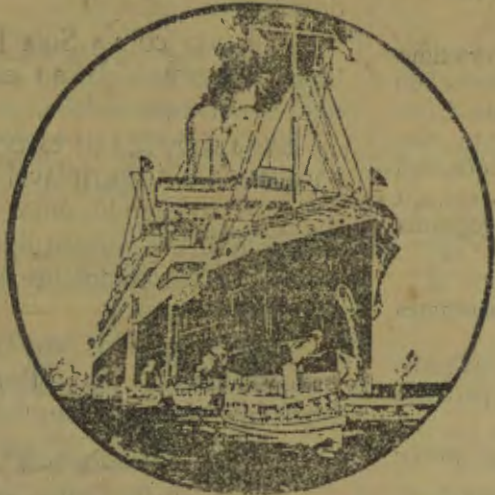
O seu gado é escrupulosamente escolhido por fornecedores entendidos.

Divisa da casa:

«Servir bem, sem olhar a quem»

O proprietario, Manoal José de Carvalho

MALAREALINGLEZA



Paquetes correios a sahir de Leixões

Darro em 21 de Junho para Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu Buenos-Ayres
 Deseado em 5 de Julho para Rio de Janeiro Santos Montevidéu Buenos Ayres
 Desna em 2 de Agosto de para Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos-Ayres

Estes Paquetes sahem de Lisboa no dia seguinte e mais os paquetes:

Almanzora em 28 de Maio para Pernambuco Bahia Rio de Janeiro San-Alcantara em 7 de Junho para Madeira Bahia Rio de Janeiro Santo Montevidéu e Buenos ayres
 ARLANZA em 28 de Junho para Pernambuco Bahia Rio de Janeiro Santos Montevidéu e Buenos Ayres

Na agencia do Porto podem os srs. passageiros de 1.ª classe escolher os beliches á vista das plantas dos paquetes, MAS PARA ISSO RECOMMENDAMOS TODA A ANTECIPAÇÃO.

Dirigir aos unicos agentes no norte de Portugal:

TAIT & CO.

19, RUA DO INFANTE D. HENRIQUE.—PORTO

ou aos seus correspondentes nas provincias.

TERRAS PORTUGUESAS

ARQUIVO HISTORICO CORAGRAFICO

Publicação aos fasciculos

Cada fasciculo de 16, 32 ou 64 paginas, custará 2\$50, 5\$00 ou 10\$00 e scudos franco de porte e a cobrança. Desde já se aceitam assinaturas. Dirigir toda a correspondência a Baptista de Lima, publicista e jornalista, Póvoa de Vvrzim.

Nesta vila recebe assinaturas a Livraria Espozendense sem aumento do custo

Dicionario Corografico de Portugal Continental Insular

COROGRAFICO, HISTORICO, OROGRAPHICO, BIOGRAPHICO, ARCHEOLOGICO HERALDICO, ETIMOLOGICO

Com prefacio do Ex.mo Snr. Dr. José Joaquim Nunes, professor cathedatico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Redacção e Administração—R. da Picaria, 73-2.º PORTO

Registo minucioso e meticoloso de todas as Cidades, Vilas, Aldeias Povoações, Lugares, Lagos, Cabos, Castelos, Termas, Praias, Praças Monumentos, Minas, Serras, Montes, Rios, etc.

Util, indispensavel e acessivel a toda a gente
 TOMOS MENSAES DE 80 PAGINAS—ESC. 5\$00, FRANCO DE PORTE.

Pedidos á Redacção e Administração.

Estão publicados 10 tomos.

PORTVCALE

REVISTA BIMESTRAL ILUSTRADA DE CULTURA LITERARIA SCIENTIFICA E ARTISTICA

Dirigida por Augusto Martins, Claudio Basto & Pedro Vitorino e colaborada pelos melhores Escritores portugueses

Contém: Literatura; Critica; Humorismo; Etnografia; Filologia; Arqueologia, Historia; Arte; Educação Ensino; Filosofia; Bibliografia; Informação literaria e scientifica, tanto nacional como estrangeira. Publica Inéditos; trata de Monumentos, Museus, Quadros; Artistas e Escritores, reúne materiaes etnograficos versa, com particular atenção, nossa Lingua (Português pratico, Problemas de português Linguagem tencnica: médica botânica zoológica, quimica, fisica, etc. Estuda a Terra, o Povo, a Lingua de Portugal, e regista o labor literario scientifico e artistico de seus Homens e Academias.

Publica-se em Fevereiro, Abril, Junho, Agosto, Outubro, e Dezembro de cada ano, por fasciculos de 64 paginas em geral.

PREÇOS

| | |
|--------------------------------|--------------|
| Assinatura (por anc): | |
| Portugal continental e insular | 15\$00 |
| Colonias Portuguezas | 25\$00 |
| Brasil | 10\$000 reis |
| Hespanha | 20\$00 |
| Outros paises | L 0. 6. 0 |

Pagamento adiantado. Muito nos obsequiará o Assinante remetendo directamente á Administração, em carta registada ou cheque, a importancia de sua assinatura, com o que poupará despezas escusadas e nos evitará ás dificuldades de cobrança.

Numero avulso—Preço variavel dependente do numero de paginas.

Redacção e Administração — Rua dos Martires da Liberdade, 178, PORTO Portugal
Telefone 2798

Livros e artigos escolares — Vendem-se na Tipografia do ESPOZENDENSE — Espozende.

MENDONÇA, L. da

Compra e venda de Propriedades
 Colocação de capital sôbre hipotecas

PREDIOS DE RENDIMENTO

Vendem-se de diferentes preços, em todos os bairros da cidade, de construção antiga e moderna e bem assim moradias proprias, desde as mais modestas ás mais luxuosas; Quintas e Terrenos para construção em Lisboa e arredores. Facilita-se o pagamento.

Como estamos encarregados da venda dei multissimas propriedades, que não são na sua maior parte, anunciadas nos jornais, aos Ex.ºs Clientes que o desejem, podem consultar nos nossos escritorios os, os registos de propriedades que temos para venda, ou quando o não possam fazer, nós encarregamos, logo que nos seja solicitado, de mandar notas detalhadas das propriedades, que estejam dentro do seu orçamento.

O cliente que comprar propriedades por intermedio da nossa casa, evita muito trabalho e perda de tempo que naturalmente lhe faz falta aos seus afazeres e ue pode até trazer prejuizos muito superiores a diminuta comissão a pagar ao escritorio, pois organizamos toda a documentação, que submetemos á apreciação do nosso avdgado, pela qual se verificam os encargos da propriedade, quer estejam ou não registados na respectiva Conservatoria pois alguns ha que não estão registados, o que acontece muitas vezes com contribuições em atraso, etc. Quando a propriedade esta onerada com fóros, hipotecas, penhores, etc. tr tmos da sua remissão e cancelamentos, ficando assim garantido sossego dos nossos clientes, a quem ficamos ligados moralmente, com a certeza de que no futuro lhe não aparecem embara-

DINHEIRO

Empresta-se sôbre hipotecas de propriedades

Mendonça, L. da

ROSSIO, 74—1.º, LISBOA—Telefone 2.7040.